

C. J. SANSOM

CORRUPÇÃO

Tradução de
Ângelo dos Santos Pereira

Parte Um

Londres

I

O cemitério estava calmo naquela tarde de verão. Inúmeros ramos e galhos jaziam no caminho de gravilha, arrancados das árvores pelos ventos violentos que tinham varrido o país naquele tempestuoso mês de junho de 1545. A cidade de Londres havia sido relativamente poupada, com exceção de uma ou de outra chaminé. No entanto, a tempestade devastara o norte do país, onde se dizia terem caído pedras de saraiva do tamanho de punhos e com formas de rostos. Mas, como qualquer advogado sabe, os rumores tornam-se mais espetaculares à medida que se vão propagando.

Tinha passado a manhã no meu gabinete no Lincoln's Inn¹, absorto em novos processos do Tribunal de Demandas². As audiências não se realizariam antes do outono, uma vez que, por ordem do rei, o terceiro trimestre judicial terminara mais cedo devido à ameaça de invasão.

Nos últimos meses apercebera-me de que a análise daqueles processos me chateava cada vez mais. Salvo raras exceções, os casos apresentados no Tribunal de Demandas nunca variavam: proprietários que queriam expulsar os rendeiros das suas terras a fim de as converterem em pasto para ovelhas e assim enriquecerem com o comércio da lã ou que, pelas mesmas razões, tentavam apropriar-se de terrenos comunais, tão importantes para a sobrevivência dos pobres. Eram casos dignos, mas sempre iguais.

¹ Uma das quatro escolas de Direito de Londres, conhecidas como «Inns of Court», grupo do qual também faziam parte o Gray's Inn, o Inner Temple e o Middle Temple. (*N. do T.*)

² *Court of Requests*, no original: tribunal que, no final do século xv, se autonomizou da Cúria Régia; a sua principal jurisdição era o Direito Civil, nomeadamente as demandas dos pobres e dos servidores do rei. (*N. do T.*)

Ora, enquanto trabalhava, os meus olhos eram continuamente atraídos para a carta trazida por um mensageiro do palácio de Hampton Court, um retângulo branco com um pedaço de lacre vermelho a brilhar que estava pousado no canto da minha secretária. A mensagem deixara-me inquieto, sobretudo porque carecia de detalhes. Então, incapaz de impedir que a minha mente divagasse, decidi ir dar uma volta.

Quando saí do edifício que acolhia os escritórios dos advogados vi uma jovem florista que tinha conseguido ludibriar a atenção do porteiro do Lincoln's Inn. Com um vestido cinzento, um avental sujo e o rosto emoldurado por uma touca branca, encontrava-se num canto de Gatehouse Court³ a apresentar os seus ramos aos juristas que por ali passavam. Ao aproximar-me, ouvi-a exclamar que era viúva e que o marido morreria na guerra. Detetando goiveiros na sua cesta, lembrei-me de que não visitava a campa da minha pobre governanta há quase um mês (o goiveiro era a flor preferida de Joan). Pedi-lhe um ramo e ela estendeu-mo com uma mão rugosa. Quando paguei, a mulher fez-me uma vénia e agradeceu-me graciosamente, embora mantendo um olhar frio. Continuei a avançar, transpus o portão e subi a recém-pavimentada Chancery Lane até à pequena igreja situada no cimo da encosta.

Enquanto caminhava censurei-me pela minha insatisfação, recordando-me que muitos dos meus colegas invejavam o meu cargo no Tribunal de Demandas e que de vez em quando o advogado da rainha me entregava casos lucrativos. Mas conforme podia ver nos muitos rostos sérios e ansiosos com os quais me cruzava, estávamos a viver uma época problemática. Dizia-se que os franceses haviam reunido trinta mil homens nos seus portos no Canal da Mancha e que se preparavam para invadir a Inglaterra graças a uma enorme frota de navios de guerra. Como ninguém sabia onde poderiam desembarcar, estavam a ser recrutados homens por todo o país com o intuito de defender a totalidade da costa inglesa. Os navios da frota real tinham sido lançados ao mar e os grandes barcos mercantes estavam a ser requisitados e convertidos em navios de guerra. No ano anterior o rei tinha aumentado substancialmente os impostos para financiar a invasão da França, que resultara num fracasso absoluto, e desde o início do inverno milhares de soldados ingleses

³ Um dos jardins do Lincoln's Inn. (*N. do T.*)

encontravam-se sitiados em Boulogne⁴. Agora a guerra podia vir a ser travada em nossa casa.

Entrei no cemitério. O ambiente que impera neste tipo de locais convida sempre ao recolhimento, por mais ou menos religioso que se seja. Ajoelhei-me e pousei as flores sobre o túmulo de Joan. Aquela mulher tinha governado a minha pequena casa durante cerca de vinte anos. Quando a contratei era uma viúva de quarenta anos e eu, um advogado recém-formado. Sem família, bondosa, discreta e eficaz, dedicara a sua vida a cuidar de mim. Infelizmente, apanhara uma gripe na primavera e morrera no espaço de uma semana. Sentia muito a sua falta, ainda mais porque tinha tomado consciência de que ao longo de todos aqueles anos não soubera dar o devido valor à sua devoção. A diferença entre ela e o miserável que tinha contratado para mordomo era gritante.

Os meus joelhos estalaram quando me levantei com um suspiro. Embora a visita ao túmulo de Joan me tivesse tranquilizado, também despertara aquela melancolia à qual eu estava naturalmente sujeito por razões de ordem temperamental. Conhecendo outros defuntos que estavam ali sepultados, continuei a caminhar por entre as pedras tumulares e detive-me diante de uma bonita lápide de mármore:

ROGER ELLIARD
ADVOGADO DO LINCOLN'S INN
MARIDO E PAI AMADO
1502-1543

Lembrei-me de uma conversa com Roger pouco antes da sua morte, dois anos antes, e sorri com tristeza. Tínhamos falado do modo como o rei dilapidara a riqueza tirada aos mosteiros, gastando-a em palácios e ostentações sem nada fazer para substituir a ajuda limitada que os monges haviam dado aos pobres. Pousei uma mão na lápide e murmurei: «Ah, Roger, se pudesses ver a alhada em que ele nos meteu agora...» Uma velha que decorava uma campa próxima ergueu os olhos na minha

⁴ Depois de terem sitiado Boulogne no dia 19 de julho de 1544, os ingleses foram por sua vez cercados pelas tropas francesas no final desse ano. (*N. do T.*)

direção, franzindo o sobrolho de preocupação ao deparar-se com um advogado corcunda que falava com os mortos. Afastei-me.

Um pouco mais à frente encontrava-se outra pedra tumular que, à semelhança da de Joan, ali tinha sido colocada a meu pedido e que continha um breve epitáfio:

GILES WRENNE
ADVOGADO DE YORK
1467-1541

Não toquei nessa lápide nem falei com o velho que jazia debaixo dela, mas ao recordar-me das circunstâncias da morte de Giles apercebi-me de que estava novamente a ser invadido pela melancolia.

De súbito, fui arrancado aos meus pensamentos por um ruído estridente. A velha olhou à sua volta com os olhos arregalados. Julgando saber o que estava a acontecer, dirigi-me para o muro que separava o cemitério dos campos do Lincoln's Inn e abri o portão de madeira. Depois de o transpor contemplei a cena à distância.

†

Os campos do Lincoln's Inn eram uma ampla extensão de terreno coberto de urze onde os estudantes caçavam coelhos. Numa tarde de terça-feira não seria normal ver por ali mais de umas quantas pessoas a atravessarem o terreno em ambos os sentidos, mas naquele dia uma multidão de curiosos observava cinquenta jovens – muitos deles em camisa e justilho, e alguns com o gabão azul dos aprendizes – que formavam cinco filas mal alinhadas. Uns pareciam amuados, outros apreensivos e outros até entusiasmados. Quase todos seguravam arcos de guerra, uma arma com a qual os homens em idade militar eram legalmente obrigados a treinar, embora muitos infringissem a lei e preferissem jogar *bowling*, dados ou cartas, jogos esses que tinham passado a ser proibidos para quem não usufruísse do estatuto de cavalheiro. Com um metro e oitenta de comprimento, os arcos eram mais altos do que a maioria dos seus proprietários. Contudo, havia quem segurasse arcos mais pequenos, alguns dos quais feitos em olmo, uma madeira menos valiosa do que o teixo.

Praticamente todos tinham um braçal de couro num dos braços e um protege-dedos na outra mão. Os arcos estavam encordoados, prontos para serem usados.

Os jovens estavam alinhados em filas de dez por um soldado de meia-idade com um rosto quadrado, uma curta barba preta e uma expressão severa e descontente. Vestia o magnífico uniforme das London Trained Bands⁵: um gibão branco com as mangas e a parte superior dos calções fissuradas, revelando o forro vermelho, e um capacete redondo e polido.

A cerca de duzentos metros de distância encontrava-se o campo de tiro, um montículo relvado com dois metros de altura. Era aí que os homens aptos para o serviço militar tinham a obrigação de treinar todos os domingos. Semicerrando os olhos, vi que tinham lá colocado um boneco de palha vestido com trapos e um elmo amassado que ostentava uma flor-de-lis francesa. Percebi que se tratava de mais uma «revista de armas» destinada a avaliar a destreza de um novo contingente de homens com o objetivo de selecionar os que seriam enviados para a costa ou para os navios reais. Senti-me feliz pelo facto de, enquanto corcunda de quarenta e três anos, estar livre do serviço militar.

Montado num cavalo cinzento, um indivíduo gorducho observava os jovens. A cavalgadura, adornada com um manto da cidade de Londres, tinha uma máscara metálica perfurada que dava à sua cabeça o aspeto de um crânio. O cavaleiro usava uma meia armadura de aço que lhe cobria os braços e o busto, e exibia uma pena de pavão no seu gorro preto que o vento ia agitando. Reconheci Edmund Carver, um dos vereadores da cidade; dois anos antes ajudara-o a ganhar um processo. Parecia desconfortável na sua armadura, pois mexia-se desajeitadamente. Era uma pessoa bastante correta que pertencia à guilda dos mercadores e cujo principal prazer era comer. Ao seu lado estavam mais dois soldados com o uniforme das Trained Bands, um dos quais segurava uma comprida trombeta de cobre e o outro, uma alabarda. A dois metros de distância, vestido com um gibão preto, encontrava-se um escriba com uma escrivaninha portátil cheia de folhas de papel presa ao pescoço.

O alabardeiro pousou a arma, pegou em seis aljavas de couro e percorreu a primeira fila de recrutas, atirando flechas para o chão. O militar

⁵ Milícia da cidade de Londres composta pelos próprios cidadãos. (*N. do T.*)

responsável pelo exercício continuava a perscrutar os jovens com um olhar penetrante. Supus que fosse um oficial de carreira, como aqueles que encontrei aquando da grande viagem do rei a York quatro anos antes. Devia estar a formar as Trained Bands, um corpo de voluntários criado em Londres poucos anos antes que realizava treinos militares durante o fim de semana.

O indivíduo dirigiu-se aos recrutas numa voz alta e forte.

– A Inglaterra precisa de homens neste momento de grande perigo! Os franceses preparam-se para nos invadirem e para semear o fogo e a destruição entre as nossas mulheres e os nossos filhos. Mas lembram-se do que aconteceu em Agincourt⁶? – Fez uma pausa dramática.

– Sim! – gritou Carver, logo imitado pelos recrutas.

– A partir da batalha de Agincourt ficámos a saber que um inglês vale por três franceses, e iremos mandar os nossos lendários arqueiros ao encontro deles! – prosseguiu. – Aqueles que hoje forem escolhidos receberão um casaco e três *pence* por dia! – O seu tom endureceu. – Agora vamos ver quem de vós treinou semanalmente, conforme a lei obriga, e quem não o fez. Estes últimos... – interrompeu-se para aumentar o *suspense* – ... correrão o risco de ser incorporados como lanceiros e de enfrentar os franceses corpo a corpo! Não julguem, pois, que um fraco desempenho vos livrará da guerra. – Olhou para os jovens com um ar irritado e ameaçador. – Bem – anunciou –, quando a trombeta tocar, cada homem irá atirar, o mais depressa que conseguir, seis flechas na direção do alvo, começando pelo lado esquerdo da primeira fila. Preparámos um boneco especialmente para vocês. Imaginem que é um francês que veio violar a vossa mãe, se tiverem mãe!

Olhei para a multidão de espectadores, que era constituída por rapazinhos excitados, por pobres de uma certa idade e também por várias jovens angustiadas, quiçá mulheres ou namoradas dos homens que haviam sido convocados para aquela prova.

O soldado da trombeta levou o instrumento aos lábios e soprou. Armado com o seu arco, o primeiro recruta, um rapaz bonito e robusto com

⁶ Batalha travada perto da aldeia de Agincourt (França) em 1415 entre franceses e ingleses. Apesar de se encontrarem em clara inferioridade numérica, as tropas inglesas, lideradas pelo rei Henrique V, saíram vitoriosas, o que se deveu, em grande parte, à ação dos seus arqueiros. (*N. do T.*)

um justilho de couro, deu um passo em frente, apanhou uma flecha e prendeu-a na corda. Então, num movimento rápido e fluido, inclinou-se para trás, esticou a corda e lançou a seta, que descreveu uma enorme curva antes de embater tão violentamente na flor-de-lis do espantalho que o fez estremecer como um ser vivo. Em menos de um minuto atirou mais cinco flechas, que também acertaram no boneco. As crianças aplaudiram-no entusiasmaticamente, levando-o a sorrir e a encolher os seus ombros largos.

– Nada mal! – reconheceu o oficial a contragosto. – Vai inscrever-te!

O recruta encaminhou-se para o escriba, saudando a multidão com o seu arco.

O próximo a ser testado foi um rapaz desengonçado de camisa branca que aparentava ter menos de vinte anos. Segurava um arco de olmo, parecia nervoso e não usava nem braçal, nem protegededós. O oficial fitou-o com um ar sinistro quando ele afastou dos olhos uma madeixa de cabelo louro antes de se baixar para apanhar uma flecha e de a prender na corda. Esticando o arco com um esforço evidente, largou a seta, que caiu na erva, longe do alvo. Ao puxar a corda, o rapaz desequilibrara-se e quase caíra, tendo saltitado sobre um pé durante alguns segundos, o que provocou o riso das crianças.

A segunda flecha percorreu mais alguns metros e cravou-se no campo de tiro. O jovem deu um grito e dobrou-se de dor, agarrado à mão. O sangue escorria-lhe entre os dedos. O oficial dirigiu-lhe um olhar severo.

– Não tens treinado, pois não? Nem sequer sabes atirar uma flecha como deve de ser. Podes ter a certeza de que vais juntar-te aos lanceiros! Um tipo alto como tu será de grande utilidade no combate corpo a corpo... Vamos lá – gritou o oficial perante o ar assustado do rapaz –, ainda te faltam quatro setas. Esquece a tua mão. Os espectadores estão a precisar de dar umas boas gargalhadas.

Virei-me. Tendo, em tempos, sido eu próprio humilhado diante de uma multidão, não sentia nenhum tipo de prazer em ver outros a sofrerem a mesma sorte.

†

Quando regresssei a Gatehouse Court, a florista tinha desaparecido. Entrei nos meus escritórios, onde o jovem Skelly, o meu segundo escrevente,

se encontrava a transcrever documentos. Profundamente debruçado sobre a sua secretária, examinava com muita atenção uma das folhas através dos seus óculos.

– Está a decorrer uma revista de armas nos campos do Lincoln's Inn – contei-lhe.

Skelly ergueu os olhos.

– Ouvi dizer que as Trained Bands precisam de mil homens para a costa sul – afirmou na sua voz calma. – Acha que os franceses vão mesmo invadir-nos?

– Não sei, Skelly – respondi-lhe com um sorriso tranquilizador. – Mas como tens mulher, três filhos e não consegues ver sem os teus óculos, não corres o risco de ser chamado.

– Espero bem que não.

– Tenho a certeza. – Mas nos dias que corriam nada era garantido. – O Barak ainda não regressou de Westminster? – perguntei ao ver a secretária do meu assistente vazia. Tinha-o mandado entregar alguns depoimentos na Secretaria do Tribunal de Demandas.

– Não.

Franzi o sobrolho.

– Espero que esteja tudo bem com a Tamasin.

Skelly sorriu.

– O atraso deve-se seguramente a dificuldades na travessia. Como sabe, o rio tem andado saturado de barcos de abastecimento.

– É possível. Diz ao Barak para ir ter comigo assim que chegar. Tenho de voltar aos meus processos. – Dirigi-me para o meu gabinete, convencido de que Skelly me achava demasiado cismático. Mas Barak e Tamasin, a sua mulher, eram grandes amigos meus. Tamasin estava grávida de sete meses e já tinha dado à luz um nado-morto. Deixei-me cair na minha cadeira com um suspiro e peguei nos depoimentos que tinha começado a ler antes de sair. Distraí-me novamente com a carta que estava no canto da secretária. Obriguei-me a desviar o olhar, mas pus-me a pensar na revista de armas, na invasão, naqueles jovens esventrados e massacrados nos campos de batalha.

Olhei pela janela, sorri e abanei a cabeça ao vislumbrar a silhueta alta e magra do meu velho inimigo, Stephen Bealnap, a atravessar o pátio ensolarado. Como agora andava curvado, a sua toga preta de advogado

e o seu barrete branco faziam-no parecer uma enorme pega à procura de minhocas no chão.

Bealknap endireitou-se repentinamente, olhou para a frente e viu Barak atravessar o pátio na sua direção, com a bolsa de couro a pender-lhe do ombro. Reparei na barriga protuberante do meu assistente sob o seu justilho verde. O seu rosto também estava um pouco mais gordo, o que lhe suavizava as feições e o fazia parecer mais novo. Bealknap deu meia-volta e encaminhou-se apressadamente para a capela. Dois anos antes, aquele indivíduo estranho e avarento ficara a dever-me uma pequena quantia. Como para ele era uma questão de orgulho nunca abrir mão de uma única moeda, passou a fugir de mim sempre que me via, situação essa que acabou por se tornar motivo de riso no Lincoln's Inn. Pelos vistos, agora também andava a evitar Barak. O meu assistente deteve-se e sorriu ao vê-lo escapulir-se. Senti-me aliviado: era evidente que não tinha acontecido nada a Tamasin.

Poucos minutos depois, entrou no meu gabinete.

– Houve algum problema com os depoimentos? – perguntei.

– Não, mas foi difícil arranjar um bote no embarcadouro de Westminster. O rio está cheio de barcaças com suprimentos para os exércitos, e fomos obrigados a aguardar na margem até elas passarem. Há um grande navio de guerra junto à Torre. Acho que o trouxeram de Deptford para que os cidadãos pudessem admirá-lo, mas a verdade é que não vi ninguém por perto.

– As pessoas já se habituaram a esses navios. Ainda me lembro de quando o *Mary Rose* e o *Great Harry* partiam. Juntavam-se centenas de pessoas nas margens para aplaudir. – Aponte para o banco situado à frente da secretária. – Senta-te aí. Como está a Tamasin?

Barak sentou-se e esboçou um sorriso irónico.

– Maldisposta. Está a sofrer com o calor e tem os pés inchados.

– Continua convencida de que vai dar à luz uma menina?

– Sim. Ontem consultou uma vidente na Cheapside que lhe disse o que ela queria ouvir, claro está.

– E tu, ainda estás convencido de que será um menino?

– Completamente. – Sacudiu a cabeça. – A Tammy insiste em não alterar os seus hábitos, embora lhe tenha explicado que as senhoras de boas famílias se retiram para os seus aposentos oito semanas antes do parto. Julguei que iria convencê-la a ficar quieta, mas não adiantou de nada.

– Já só faltam oito semanas?

– Segundo o Guy, sim. Ele vai examiná-la amanhã. Pelo menos, a Marris cuida bem dela. A Tammy fica toda contente quando saio para o trabalho. Diz que lhe crio demasiada ansiedade.

Sorri. Sabia que agora Barak e Tamasin eram felizes. Depois da morte do seu primeiro filho, tinham passado por uma fase difícil que a levava a abandoná-lo. Não obstante, ele reconquistara-a graças a uma perseverança firme e afetuosa de que, até então, não o julgava capaz. Ajudara-os a arranjar uma pequena casa na vizinhança e uma empregada competente: Marris, uma amiga de Joan que tinha trabalhado como ama de leite e que estava habituada a crianças.

– Vi o Bealknap dar meia-volta para fugir de ti – comentei, apontando para a janela com o queixo.

Ele riu-se.

– Começou a comportar-se assim nos últimos tempos. Tem medo que eu lhe peça as três libras que lhe deve. Que grande cretino! Tendo em conta a atual desvalorização do dinheiro, o senhor devia era exigir-lhe quatro – sugeriu com um brilho malicioso nos olhos.

– Sabes, às vezes pergunto-me se o nosso amigo Bealknap está bom da cabeça. Há já dois anos que se cobre de ridículo evitando-me, e agora deu-lhe para fazer o mesmo contigo.

– E entretanto está cada vez mais rico. Ouvi dizer que vendeu uma parte do seu ouro à Casa da Moeda para recunhagem e que anda a conceder cada vez mais empréstimos agora que a usura se tornou legal.

– Alguns juristas do Lincoln's Inn foram obrigados a pedir-lhe dinheiro emprestado para pagarem a Taxa de Benevolência. Felizmente, eu dispunha de ouro suficiente. Seja como for, o modo como o Bealknap se comporta indicia um claro desequilíbrio mental.

Barak lançou-me um olhar penetrante.

– O senhor tornou-se muito propenso a ver loucura em toda a parte. Deve ter a ver com o facto de dedicar tanto tempo a Ellen Fettiplace... A propósito, chegou a responder à última mensagem dela?

– Não recomecemos com isso – atirei com impaciência. – Sim, respondi, e tenciono ir a Bedlam amanhã.

– Embora ela esteja internada num hospital psiquiátrico, controla-o como a uma marioneta. – Fitou-me com uma expressão séria. – E o senhor sabe porquê.

Mudei de assunto.

– Há pouco fui dar uma volta. Está a decorrer uma revista de armas nos campos do Lincoln's Inn. Ouvi o oficial ameaçar que mandaria para lanceiro quem não tivesse praticado tiro ao arco.

– Por mais leis que o rei crie, só treina com regularidade quem gosta mesmo de tiro ao arco. Toda a gente sabe disso – respondeu Barak com desdém. – É uma atividade difícil e que requer uma grande dose de dedicação para que se consiga ser um arqueiro digno desse nome. – Fixou-me com um ar sério. – Parece-me um absurdo que se faça leis tão impopulares e que se pretenda que sejam cumpridas. Lorde Cromwell tinha perfeita consciência disso e sabia exatamente até onde podia ir.

– Mas olha que eles estão a fazer com que esta lei seja cumprida. Nunca tinha visto nada assim. Ontem a polícia andou pela rua à procura de mendigos e de vagabundos a fim de os enviarem, por ordem do rei, para as galés como remadores. Ouviste os últimos rumores? Diz-se que as tropas francesas desembarcaram na Escócia e que os escoceses também estão preparados para nos atacarem...

– Os últimos rumores – repetiu Barak num tom trocista. – Sabe quem é que os propaga? Os homens do rei! Pois é! Talvez para impedirem que o povo se rebele, como em 1536, contra os impostos e a desvalorização da moeda. Veja-me só isto! – Enfiou a mão na bolsa e tirou uma pequena moeda de prata do interior que pousou em cima da secretária.

Peguei nela. O rosto gordo e bolachudo do rei fitou-me.

– É um dos novos xelins – disse Barak.

– É a primeira vez que os vejo.

– Ontem a Tamasin foi às compras na Cheapside com a Marris. Há muitas destas por lá. Repare na cor opaca. A prata está tão adulterada com cobre que só a trocam por oito *pence* de mercadorias. Os preços do pão e da carne estão a subir em flecha, embora seja cada vez mais difícil encontrar pão, pois a maior parte da farinha é requisitada para o exército. – Os olhos escuros de Barak brilharam de raiva.

– Acreditas mesmo que esta história de invasão é inventada?

– Talvez. Não sei... – Hesitou antes de retomar a palavra. – Acho que estão a tentar incorporar-me no exército.

– O quê? – exclamei, endireitando-me na cadeira.

– Na passada sexta-feira, o comissário de polícia visitou, juntamente

com um soldado, todas as casas do meu bairro com o objetivo de recrutar todos os homens em idade militar. Expliquei-lhes que a minha mulher estava à espera de um filho, mas o soldado insistiu no argumento de que eu lhe parecia um homem saudável. Mandeí-o à merda e expulsei-os da minha casa. O problema é que ontem o tipo voltou. A Tamasin viu-o pela janela, mas não lhe abriu a porta.

Suspirei.

– Um dia esse teu atrevimento vai ser a tua perdição.

– É o que a Tamasin anda sempre a dizer-me. Mas eles não costumam recrutar pais de família. Não muitos, pelo menos.

– Não acredito que o rei esteja a enganar-nos. Haverá seguramente uma tentativa de invasão, caso contrário para quê recrutar tantos milhares de soldados? Devias ter cuidado.

Barak assumiu um ar revoltado.

– Nada disto estaria a acontecer se o rei não tivesse invadido a França no ano passado. De que serviu fazer quarenta mil homens atravessar o Canal da Mancha? Fomos escorraçados com o rabo entre as pernas e deixámos aqueles pobres soldados sitiados em Boulogne. Não há uma única pessoa que não ache que deveríamos cortar o mal pela raiz, abandonar Boulogne e fazer as pazes, a não ser o rei.

– Eu sei, e concordo contigo.

– Lembra-se do passado outono, daqueles soldados que regressavam de França estendidos pelas estradas, flagelados pela peste? – O seu rosto endureceu-se. – Pois bem, isso não irá acontecer comigo.

Fitei o meu assistente. Em tempos, Barak teria considerado a guerra uma aventura, mas agora não.

– Como era o soldado que foi a tua casa?

– Um sujeito alto e corpulento, mais ou menos da sua idade, com uma barba preta e vestido com o uniforme das London Trained Bands. Parecia um antigo oficial de carreira.

– Era o oficial que estava a dirigir a revista de armas. É claramente daquelas pessoas que não convém contrariar.

– Bem, pode ser que arranje recrutas suficientes e que se esqueça de mim.

– Espero que sim. Se ele voltar a aparecer, avisa-me.

– Obrigado – murmurou Barak.

Peguei na missiva que estava no canto da minha secretária e estendi-lha.

– Agora quero que dê uma olhadela a isto.

– Mais uma mensagem da Ellen?

– Olha bem para o selo. Já viste um parecido com esse.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– É o da rainha. A carta foi enviada pelo doutor Warner? Outro caso para tratarmos?

– Lê – insisti. – Está a deixar-me preocupado.

Barak desdobrou a folha e leu em voz alta.

– «*Gostaria de ouvir a sua opinião acerca de um assunto particular. Peço-lhe que venha visitar-me amanhã ao palácio de Hampton Court, às três da tarde.*» A mensagem foi assinada...

– Eu sei. Pela própria rainha Catherine.

Barak releu a carta.

– A mensagem é muito curta. A rainha diz que se trata de um assunto particular. Nada de político, à primeira vista.

– Eu sei. Mas deve ser algo extraordinariamente urgente para que ela própria me escreva. Não consigo deixar de pensar no que aconteceu no ano passado, quando a rainha mandou o Warner representar um familiar de uma das suas criadas que foi acusado de heresia.

– Ela prometeu mantê-lo afastado desse tipo de coisas. E a rainha não é mulher de faltar à sua palavra.

Assenti. Mais de dois anos antes, tinha salvado a vida à rainha Catherine Parr quando esta ainda era Lady Latimer. Nessa altura, ela prometera-me que seria a minha protetora e que nunca me envolveria em questões políticas.

– Há quanto tempo é que não a vê? – inquiriu Barak.

– Desde a primavera. Concedeu-me uma audiência no palácio de Whitehall para me agradecer o facto de ter solucionado aquele caso complicado relativo às suas propriedades nas Midlands. Entretanto enviou-me o seu livro de orações no mês passado. Cheguei a mostrar-to, decerto que te recordas. Chama-se *Orações e Meditações*.

Barak fez uma careta.

– Um livro muito lúgubre.

Esbocei um sorriso melancólico.

– Sim. Nunca me tinha apercebido de como ela se sentia triste. Escreveu-me uma dedicatória pessoal, dizendo que esperava que o livro orientasse o meu espírito para Deus.

– Ela nunca o colocaria em perigo. Não tenho a menor dúvida de que se trata apenas de mais um caso de terras.

Sorri, agradecido. Barak conhecia os recantos obscuros da política melhor do que ninguém. O que me levava a valorizar muitíssimo a sua opinião.

– A rainha e a Ellen Fettiplace no mesmo dia! – exclamou ele em tom de brincadeira. – Vai ser um dia bastante agitado.

– Pois vai.

Guardei a carta e lembrei-me da última vez que tinha visitado o palácio de Hampton Court. A ideia de voltar àquele lugar fez o meu estômago contorcer-se de medo.